

## DESIGNAÇÕES

### SOBRE AS VIAS E CRITÉRIOS PARA AS DESIGNAÇÕES EM MAIÊUTICA - INSTITUIÇÃO PSICANALÍTICA.

I. O psicanalista se autoriza em sua prática clínica com outros analistas, com quem participa de uma experiência institucionalizada. Essa autorização parte de uma sanção simbólica, própria e compartilhada - porque não é validamente própria se não é compartilhada -, na qual se co-implicam os três eixos que conformam sua praxis poética : a análise do analista, a análise de controle - que não é uma “supervisão do caso” errática e aleatória-, e um sustentado e insistente percurso - processado, não ecológico - pelos fundamentos da teoria.

A instituição psicanalítica é aquela que brinda então a garantia, surgida das testemunhas, a partir da qual sanciona a validade de uma formação clínica suficiente correspondente a esse determinado analista. Assim a designação amarra borromeamente, como quarto elo, os outros três: a análise chamada pessoal, a análise de controle e a formação teórica. Deste modo a lógica na topologia da Designação que propomos é a do '3 + 1'. A Designação em Maiêutica - Instituição Psicanalítica é o '+ 1' que dá lugar à novação desde o qual sanciona como diferença: a condição de Membro Analista. É preciso ressaltar que este é um dos possíveis encadeamentos da vida institucional.

Com este propósito diferenciamos a nomeação, a designação e as nomeações.

A **nomeação** tenta ir além da denominação, cujo significado geral é de outorgar nomes aos referentes. Diferentemente, a nomeação é de significantes novos, que cumprem sua função na invenção de artifícios e, desde estes, ao resultante de, e em, uma obra. Tais significantes novos têm seu alcance tanto no nível conceitual como no que se refere aos fundamentos da psicanálise (que não se limitam só aos conceitos, porque abrangem a cobertura simbólica de um real ao qual procuram delimitar. Os fundamentos, então, motorizam o avanço doutrinário de uma progressão que tenta, ao mesmo tempo, dar conta de suas perdas).

Faz-se uma distinção entre nomeação imaginária, nomeação simbólica e nomeação real, cada uma com sua consistência, sua ex-sistência e seu valor de esburacar as pretensões de totalidade.

A **designação** dá lugar em Maiêutica - Instituição Psicanalítica, à condição de **Membro Analista (MA)**. Esta constitui uma opção legítima aos fins de pôr em ato as diferenças. Através de sua validade, aspiramos influir efetivamente nos poderes constituídos em nosso país, incidindo de tal forma na presumível futura regulação estatal e/ou universitária referida às supostas incumbências derivadas da expedição do “título habilitante” de psicanalista. Vamos procurar também fazer extensiva a validade do artifício das Designações a todos os países cujas Instituições sejam integrantes de Convergência, Movimento Lacaniano pela Psicanálise Freudiana. Com isso tentamos resolver, através de meios e recursos próprios, isto é, no seio das instituições analíticas, as questões que apontam para a sanção de nossos acordos para qualificar quem haveremos de designar por reconhecê-los como tais: analistas que têm dado suas provas. Tais provas têm de ser sempre transitórias e reversíveis e, certamente, também serão sempre revalidáveis.

As **nomeações** estão a cargo das Secções, avalizadas pelo Conselho Diretivo, para cumprir com a posta em ato das diversas atividades levadas a cabo pela Instituição.

II. Partir-se-á da elucidação do que entendemos como o **lugar do analista** nos seus dois eixos: o da pertinência, relativo à forma de enunciação própria de cada analista, dando conta dos obstáculos ou *impasses* no avanço da psicanálise sustentada em sua praxis poética, e o da condição de pertencente, ligado ao lugar do analista na Instituição. Este se condensa quando asseverar que se trata da implicação subjetiva em sua transferência de trabalho, a que põe em jogo seu desejo de analista na Instituição.

Neste sentido, vão tomar seu lugar as duas direções implicadas nas formas de intervenção (destacadamente, as efetuadas em forma “palavreira”). Quer dizer: tanto a da própria enunciação de analista, quanto a que lhe retorna dos outros, e ambas consideradas no seu desdobramento nas atividades realizadas seja na Instituição, seja na comunidade psicanalítica. A elucidação – a ser realizada pelo Órgão de Garantia e de Designações - referida a tais formas de intervenção vai tomar em conta seu caráter de condutoras<sup>2</sup>, ou seja, como pertinentes e aberturizantes<sup>3</sup> sob o modo de perguntas, comentários e/ou associações, ou, pelo contrário, de não condutoras pelo seu perfil agressivizante<sup>4</sup> ou revelador da primazia da fantasmática própria.

III. No que diz respeito aos critérios a utilizar, e com relação às vias descritas, será levado em conta:

III.1. Que privilegiamos a via do **indicial**, por quanto a mesma assenta-se em uma modalidade de leitura congruente com a praxis poética do analista na clínica. Com efeito, trata-se de procurar, na consideração da temática em questão, a obtenção da máxima aproximação possível às variáveis definidoras da singularidade que rege nosso fazer cotidiano com os analisantes. É claro que intenção e extensão não são se sobrepõem, mas sua relação deve ser lida e ser trabalhada, com pertinência, em oito interior. Em virtude disso, e sem se constituir em um retorno pontual das mesmas categorias, a do *indício* qualifica uma modalidade de inferência própria de nossa clínica. Não se trata aqui de indução nem de dedução: não vamos do particular para, desde aí, construir pretendidas leis gerais, também não partimos da asseverada lei universal para reencontrar seu pré-suposto cumprimento nos casos particulares. Para ser coerentes com nossa valorização e com nossa procura do singular, do um por um, vamos nos valer<sup>5</sup>, com Peirce, da metodologia comandada pela *abdução*. Portanto, partindo dos indícios, dos rastros indicativos, das traças, conforma-se uma leitura crítica, cifrada nos brancos, nas eventuais ausências, nos “dejetos” da observação, nas possíveis contradições, nos lapsus, enfim, onde se diz o núcleo de nosso ser, tomando distância dos efeitos de presunção e de auto-apropriação, típicas do narciso “si-mesmo”. O qual, na ocasião, estaria ilustrado<sup>6</sup> pela auto-atribuição do significante “psicanalista”.

Encontramo-nos imersos, por consequência, em uma modalidade de leitura apartada da conhecida como “literal” - o “ler ao pé da letra” - , já criticada com justeza por Lacan em *L’insu...*(19/4/77). Assim, a ela podemos contrapor a chamada “sintomal”

<sup>1</sup> Nota de tradução: os termos “pertenencia” e “pertinência” são sublinhados e colocados na versão em espanhol em relação. Em português vertemos “pertenencia” como “condição de pertencente”.

<sup>2</sup> Nota de tradução: embora o termo “conducente” é dicionarizado em português no Dicionário Aurélio, optamos por “condutoras” e “não condutoras” para traduzir os termos em espanhol “conducente” e “no conducente”.

<sup>3</sup> Nota de tradução: “aberturizante” traduz o termo em espanhol “aperturizante”.

<sup>4</sup> Nota de tradução: “agressivizante” traduz o termo em espanhol “agressivizante”.

<sup>5</sup> Nota de tradução: em espanhol “recalar” tem aceção mais ampla e não se corresponde com o homônimo em português. Segundo o Aurélio: *Ant.* buscar (o navio negreiro) o lugar próprio para o recebimento da carga.

<sup>6</sup> Nota de tradução: “ilustrado”/ “exemplificado” quer traduzir “graficado” em espanhol.

ou “sintomática” por Althusser, que é precisamente, a incluída nos critérios antes salientados. Coincide também com tais critérios a noção de H. Bloom acerca da “desleitura (*misreading*)”, desde que a mesma constitui, no seu entender, o modo de procurar se subtrair à “angústia das influências”. Esta angústia, no tocante às Designações em nossa Instituição, é a que poderia nos conduzir, pela via fantasmática, ao desconhecimento das diferenças, colocando, como faltoso valor primordial, o da reprodução, o do fazer série entre os supostos iguais, vertente à qual é tão propensa a andadura da ciência pré-caótica. Isso, claro, sanciona a primazia de uma falaciosa indiferenciação.

Dito de outro modo: o criticismo posto em ato na leitura - ou a proposta que conduz ao cultivo da des-leitura- entronca-se com uma modalidade onde a abdução leva a inferir algo distinto do observado a nível da patência, da empirismo “bruto”. No estar de Peirce, o proceder abductor “[infere] com frequência algo que nos será impossível observar diretamente”. Distante do ocultismo e da certeza, a hipótese abductiva se inscreve, com legitimidade, no campo traçado por Lacan como próprio da *conjetura*. Lembremo-nos: “Porque a exatidão se distingue da verdade, e a conjetura não exclui o rigor”. (J. Lacan, *Écrits*, p. 286).

A conjetura a partir do indício, então, determina que a letra a ser lida apareça como “enigma ou ameaça” (R. Harari, *Polifonias*, p.80), instigando a formulação de respostas hipotéticas, e não de verificações pressagiadas. Por isso, cabe afirmar que o enigma busca respostas inventivas, enquanto que a ameaça não comanda outra coisa senão a esperança, desde que ponha em permanente tensão o estagnado, conduzindo então até a novação.

Nossa proposta, em suma, inscreve-se no terreno no qual Freud participa como um dos seus notáveis gestores: o do “paradigma indiciário”, de acordo com o nomeado pelo historiador C. Ginzburg. A via é a do indício, o método é o da abdução, o resultado é uma conjetura.

III.2. Que distinguiamos o modo de intervenção por meio da **palavra** como uma das vias e critérios privilegiados para a consideração das Designações, atentos às seguintes questões que dito proceder põe de manifesto. Sustentamos assim, no Caderno *Reuniões Clínicas 2001*, uma fundamentação para a “Conferência a partir do caso”, que agora fazemos extensiva a outras modalidades similares de incidência (Edgardo Feinsilber, Alberto Franco e Diana Voronovsky, *Reuniões Clínicas 2001*, Caderninho de Maiêutica-Instituição Psicanalítica).

Parafraseando então o referido documento, tomamos a “Conferência a partir do caso” como um dos artifícios hierarquizados para que um membro de nossa Instituição tenha a ocasião de pôr a trabalhar posições enunciativas. Ao distinguir o modo “palavreiro”<sup>7</sup> aludido, estamos considerando o que acontece naquelas ocasiões às quais nossa experiência tem nos conduzido: com efeito, uma participação pode mudar o rumo de uma reflexão de índole coletiva que se encontrava em estado de desordem ou de erro teórico. Quando um analista fala perante outros analistas, que não equivale, desde já, à sua posição subjetiva na condição de eventual ensinante – produz-se, graças ao levantamento da censura, o surgimento “do não sabido que se sabe” e que é posto em ato na articulação *sinthomática*, singular, do analista que toma a palavra. Vai consistir, para o analista, de um *saber-fazer-aí-com* o que até um momento anterior estava circulando entre o público. Trata-se de uma modalidade de intervenção que põe um limite à suposta

---

<sup>7</sup> “Nota de tradução: “palavreiro” admitiria “palavrero” ou “palavreiro” em português.

liberdade associativa veiculada pelo sedutor princípio do “tudo-vale”, o qual muitas vezes encontra no verbal um campo propício, desencadeado pela presença do público.

Procuramos, com este falar ante outros analistas - no artifício mencionado, e também em outros regidos pela eficácia da transferência de trabalho na Instituição-, “[...]levar a efeito, perante vários, um dizer que possa suportar objeções sem perder demasiado sua consistência”. A incidência “palavreira”, a diferença do escrito, é produzida como um precipitado que não admite a demora, desde que a redação daquele, com sua conseqüente possibilidade de reflexão pausada, correção, busca e consulta bibliográfica, etc., dê lugar a uma tentativa de formalização da praxis poética que se aparta do imediato, da lógica da pressa, requerida pelo desempenho do analista nos tratamentos que estão a seu cargo. Em suma: o escrito equivale, no mínimo, a posta em ato das variáveis requeridas para dar lugar à resposta do analista na clínica, pelo qual não constitui, em nosso julgamento, uma via que possa avaliar a validade no que diz respeito às Designações.

Por conseguinte nos centramos em um modo de *'Work in progress'* sem mediação, onde a pulsão invocante joga no vetor do “faço escutar - faço dizer”, tentando assim propiciar um intercâmbio que seja válido para os avanços da doutrina psicanalítica. Apontando, por conseqüência, a circunstância seguinte: a teoria se “lê” mediante sua posta em ato operatória.

Agora bem, no Seminário “*De um discurso que não seria do semblante*”, na aula de 13 /1/71, Lacan formula uma pontuação com respeito à diferença de ter ou não ter um público. Com efeito, consigna aí o caráter frutífero e instigador da presença deste último aos fins de estimular a fala inventiva do analista. Nessa pontuação está vigente, então, a significação da presença que pressiona, enquanto grupo que se afasta da massificação, conformando, ao seu entender, “[...] um plus-de gozo *pressé* (urgido, apressado)[...]”.

III.3. O **acontecimental**, o super-numerário, entendido como pontas do Real, que aproveita o ocasional nas testemunhas, quer dizer o encontro com aquilo que rompe com a lógica pré-existente. Assim, localizando-se por fora da antecipação - que é própria do Imaginário especular - tanto como do discernimento - que é próprio do Simbólico 'normalizante'-, o analista procura se constituir como possibilitador da passagem do incidente ao acontecimento, o qual conduz, pela via do trabalho, até a re-enodação<sup>8</sup>.

Trata-se, para isso de pôr a trabalhar, nos fatos, uma nova e singular posição do saber, tomado em sua acepção de aberto ao Real. Porque, com efeito, o que faz acontecimento é o que se apresenta como super-numerário ao sujeito, a saber: o que cada vez surge como irrupção da lalíngua<sup>9</sup> sob a forma dessas pontas de Real que permitem, ao forçar a ruptura da unidade da linguagem, a invenção do novo na via do *sinthoma*.

III.4. A **persistência**, posto que não propiciamos uma caracterização a partir de situações isoladas, mas sim da insistência própria de uma posição subjetiva, sustentada no tempo e de diferentes maneiras através das cambiantes circunstâncias, como há de ser -como é - a variabilidade circunstancial do analista. Encontramo-nos com a *posição* daquele que fala com e entre analistas, sustentado pelo que constitui sua praxis poética.

---

<sup>8</sup> Nota de tradução: re-enodação traduz o espanhol “re-anudación”, no sentido de enodar de novo, mais uma vez, de um outro modo, outro nó.

<sup>9</sup> Nota de tradução: optamos aqui por verter lalengua como “lalíngua”, na tradução de Haroldo de Campos.

Não se trata, definitivamente, de outra coisa senão de considerar como opera em cada participação - predominantemente, o reiteramos, por meio da palavra tornada pública - a insistência de uma posição enunciativa própria da ética do analista. Esta, vale lembrar, se sustenta na responsabilidade de quem responde, em seu dizer, desde o *bem-dizer* e o *saber-fazer-aí-com*, isto é, que não se limita aos pensamentos - por mais que estes se autorizem no inconsciente - para atingir a efetuação, em câmbio, de um fazer no laço social.

III.5. Que salientar o **singular** como um dos critérios para as Designações não faz mais que pôr em ato o anseio de *não* dialetizar os desempenhos do analista. E isso tange a seus modos de participação tanto verbais como escritos. Propiciamos que não se manifeste uma generalização que privilegie o repetente “do mesmo”, o qual constitui uma apreensão realizada a partir do registro do Imaginário em seu enlace com o Simbólico. Admitindo que o trabalho do outro resulta em eficácias no próprio - de isso se trata, em definitivo, o “se autorizar por alguns outros”-, sustentamos o valor de fazê-lo público. Por tal motivo, preconizamos o fato de não omitir as fontes das referências, quer dizer, não só as dos textos que fundam a doutrina, como também aquelas pertencentes aos membros de Maiêutica - Instituição Psicanalítica, em primeiro lugar, tanto quanto o consignar as devidas a outros colegas, como por exemplo aos pertencentes às Instituições-Membro de Convergência, Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana.

É de tal forma como entendemos o singular de uma intervenção, seja ela verbal ou escrita. A mencionada intervenção, então, aponta tanto para uma ordem de interpretação -'os livros fazem livros', diz U. Eco-, quanto para o surgimento da dimensão sinthoma, seja do analista, seja do analisante, passíveis de serem oferecidas, como conseqüência lógica e válida, à comunidade psicanalítica.

#### *Addendum*

Os Membros Analistas (MA) de Maiêutica-Institución Psicanalítica até a data de hoje são os seguintes:

Edgardo Feinsilber  
Alberto Franco  
Susana Gass  
Roberto Harari  
Zulema Lagrotta  
Manuel Rubio  
Diana Voronovsky

**Maiêutica-Instituição Psicanalítica, agosto/ outubro de 2003**